

Podem os Estados Unidos competir com o Japão?



Sem o bloqueio dos tentáculos estatais e desfrutando altos níveis de produtividade, os manufaturados *made in Japan* afastam do mercado os *made in USA*. Quando o recurso ao protecionismo, além de uma agressão aos consumidores domésticos, pode ser uma ameaça à paz e à liberdade. Uma revolução-capitalista para os Estados Unidos?

Os Estados Unidos estão em condições de competir com o Japão? Em meio ao contínuo declínio do dólar, ante o crescimento exponencial no superávit da conta corrente japonesa e ao correspondente déficit norte-americano, os observadores já começam a se perguntar se o país estaria realmente em condições de responder ao desafio nipônico.

Até aqui os números são alarmantes. Em 1986, o superávit na conta corrente japonesa chegou ao recorde histórico de US\$93,7 bilhões, o que se compara com os US\$55 bilhões de 1985.

Enquanto os japoneses exportaram para os Estados Unidos US\$85 bilhões, as exportações norte-americanas ao Japão não iam muito além dos US\$26,9 bilhões. A

propósito, diz um exportador de Detroit: "Éis um bom exemplo de que o comércio exterior deixou de ser uma via de mão dupla."

Mas as coisas não são tão simples assim. Por que os norte-americanos estariam preferindo as importações estrangeiras em detrimento do produto *made in USA*, que ainda recentemente

empolgava o mercado internacional? Em 1980, os bens de capital importados representavam apenas 14,6% da demanda norte-americana, mas em 1985 eles já alcançavam os 29,2%. Ou seja, o dobro.

Também ia a quase o dobro a demanda doméstica de bens de consumo importados, principalmente dos mercados japoneses. No início dos anos 60, a participação americana no mercado das máquinas-ferramenta se elevava a 25%; hoje, elas participam com apenas 4% do mercado mundial. Ainda em 1960, 50% dos automóveis que circulavam no planeta eram exportados pelos norte-americanos. Em 1987, 30% dos carros que trafegam nas ruas dos Estados Unidos são importados do Japão, da Coreia e até mesmo do Brasil. Quais as razões de tão

dramática inflexão nas tendências da economia norte-americana? — é o que se perguntam analistas e observadores econômicos em todo o mundo.

O tamanho do Estado

Entre 1965 e 1984, o produto nacional bruto per capita dos Estados Unidos cresceu a uma taxa média anual de 1,7%, enquanto o avanço do PNB japoneses ficava em 4,7% anuais. As tendências eram inversas no que dizia respeito às contas do Governo: para os americanos, um déficit de 6,1% (1983) como percentagem do PNB; para os japoneses, pleno equilíbrio.

Como no início dos anos 70, o déficit global norte-americano era de -1,6%, e em 1981, -2,7%, é fácil concluir que o tamanho do Estado vem crescendo em forma assustadora nos Estados Unidos.

Para pagar crescentes gastos só mesmo assumindo déficits crescentes. A outra hipótese estaria no aumento dos impostos, mas a administração decidiu reduzi-los para estimular a economia. Os gastos, porém, têm-se ampliado. Em 1972, as despesas com o chamado social security and welfare representaram 35,3% como percentagem do PNB. Já em 1983 haviam subido a 36,3%.

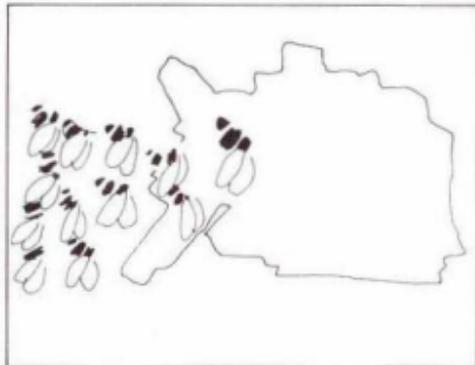


Tabela 1 – Quando o Estado é mais, o progresso é menos

	Tamanho do Estado	PNB per capita		Avanço do PIB		Esperança de vida (anos)	
	Total do gasto % do PNB, 83	US\$ 1984	Avanço % 1963-84	1965-73/1973-84		1960	1984
EUA	25,3	15.300	1,7	3,2	2,3	70	72
Japão	18,6	10.630	4,7	9,8	4,3	68	75

Fonte: World Development Report, 1981 e 1986.

O que acontecia em países competidores dos Estados Unidos, como o Japão e a Coreia? Gastos inexpressivos nessa área, onde, aliás, a providência estatal é virtualmente desconhecida.

No ensaio de abril, publicado aqui em Conjuntura, o prof. Rudiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology, aconselha:

"De fato, do que os Estados Unidos precisam no atual estágio é de um programa tradicional do FMI. As autoridades, naturalmente, fogem do ajustamento enquanto não há uma crise declarada. Mas adiar o ajustamento faz crescer a severidade da correção dos impostos e salários reais que deve ser feita, afinal."

Mas como os Estados Unidos não, em forma oportunista, comportando-se como um país subdesenvolvido-qualquer, o ajustamento vai ficando para as calendas. Ou as futuras gerações, que irão pagar um duro preço pela postergação. "Hard times estão reservados para os

jovens" – lamenta um empresário da área tradicional da siderurgia.

Por enquanto é possível empurrar as taxas de juros para cima, assumindo o Estado americano seu papel autofágico. Ou seja, destruidor de empresas e não estimulador delas. No mais, é empurrar com a barriga enquanto a dívida crescente se acumula através das taxas de juros geradoras de futuros déficits e futuras garfadas no contribuinte. Tudo isso repercute sobre a produção e o futuro do emprego.

No pólo oposto, no Japão, o que se vê é um leve toque de piano como intervenção estatal na economia. Em 1983, gastando muito – inclusive na área militar, para aliviar os gastos norte-americanos na Ásia –, o Japão viu as despesas do governo central subirem a 18,6% como parcela do Produto Nacional Bruto. Nesse mesmo ano, os Estados Unidos chegaram a 25,3%

Em 1987, o Japão já era o terceiro orçamento militar do mundo, abaixo apenas dos Estados Unidos e da União Soviética. Ou seja, gastos de US\$ 32 bilhões, mas apesar disso a economia continuava exibindo prodigiosos níveis de competitividade. Qual o segredo japonês?

A produtividade

As evidências do avanço nipônico sobre os Estados Unidos são dramáticas. Até 1982, só no campo dos semicondutores, os norte-americanos dispunham de 49,1% do mercado mundial, enquanto o Japão se contentava com 26,9%. Agora as coisas estão invertidas: os japoneses são o primeiro produtor mundial, com 45,5% das vendas, o que se pode comparar com a parcela de 44% dos americanos.

Pior que isso. Em 1986, pela primeira vez em sua história de país industrializado, os Estados Unidos registraram um déficit de US\$ 2,6 bilhões no balanço da alta tecnologia.

Além disso, também estão perdendo a batalha dos microchips graças aos bons preços que os japoneses conseguem oferecer, embora o Departamento de Comércio em Washington calcule que haja um subsídio equivalente a 40 e até 65% nas exportações japonesas de chips.

"Só pode ser dumping" – dizem os burocratas americanos, ao revelar que o 256 K Drm (dynamic random access memory) é vendido a apenas US\$ 2, algum tempo depois de custar US\$ 40.

É certo que os japoneses são campeões do protecionismo. No início dos anos 80, 54,7% de seu comércio de bens eram administrados com forte barreira de controles comerciais, o que se comparava com 40% dos Estados Unidos.

Mas isso é apenas uma parte talvez insignificante do iceberg visível. Abaixo da linha de flutuação, está a batalha da produtividade que os EUA vêm perdendo há décadas, tanto para o Japão, como para outras nações em desenvolvimento como Cingapura, Coreia etc. A produtividade por trabalhador é três vezes maior no Japão do que nos Estados Unidos. Um caso extremo é o da Coreia do Sul (tabela 2), com 6% de produtividade em

comparação com 1% do trabalhador norte-americano.

O avanço do Estado também faz a sua parte, na área da indução do investimento em campos problemáticos ou mesmo desestimulando a aplicação de capital. Um cálculo da Business Week de abril estima que a idade média das fábricas norte-americanas alcançava os 15 anos em 1986, o que se comparava com os 13,8 anos de 1980. Os equipamentos também estão velhos, e a perspectiva de um avanço da taxa de juros é desestimulante para sua renovação. "Nós também precisamos de uma revolução capitalista" - diz um professor de Stanford.

De novo, a extensão e a profundidade dos tentáculos estatais parecem exercer uma letal influência no comportamento da produtividade americana, seja através da legislação do welfare, seja através do intervencionismo e da excessiva regulação.

Chegamos então a um ponto paradoxal: nos últimos 15 anos, os americanos marcaram todos os recordes em matéria de invenções, por exemplo. Mas o Japão, que não fez quase nenhuma invenção, terminou comercializando-as com custos baixíssimos, como no caso dos microchips.

Na área da ciência, por exemplo, os Estados Unidos

Tabela 2 - Produtividade por trabalhador (média 81-85)

País	%
Coreia do Sul	6
Japão	3
Grã-Bretanha	2,7
Noruega	2,7
Alemanha Ocidental	2,1
Suécia	2,1
Bélgica	1,7
Canadá	1,6
Estados Unidos	1,0

Business Week, com dados da Secretaria do Trabalho, USA.

acumularam quase todos os prêmios Nobel das últimas décadas. Mas a ciência básica é também um produto de exportação que os norte-americanos estão deixando escapar de suas mãos.

Segundo um analista da Stanford University, "existe o desafio de se criar, mas não existe o desafio da produção." Favorecidos pelos altos salários, beneficiados pelo welfare state, seguros de que os políticos não se atreverão a cortar benefícios porque não se importam com o déficit público, a massa assalariada também tende a comportar-se como o Governo. Ou seja, vai empurrando a produção com a barriga.

Até aqui as coisas têm dado certo, já que automóveis, televisores, videocassetes

importados a preços mais baixos têm melhorado o padrão de vida no país. Mas como ficou claro no caso dos automóveis, e agora no exemplo dos microchips e da alta tecnologia, a contrapartida poderá vir brevemente em forma de menores possibilidades de emprego, mais falências e maiores impostos. Vale dizer, uma queda no padrão de vida.

É certo que, para evitar uma tal conjuntura e uma conseqüente perda líquida de sufrágios, ainda resta a tentação protecionista, como aconteceu há pouco com a chamada guerra dos chips.

*Mas isso é uma bola de neve muito perigosa que a gente sabe como começa mas não sabe como termina. Não foi por acaso que a televisão japonesa, ao noticiar o bloqueio norte-americano aos chips japoneses usou a frase *Kaisen zen-ya*, uma expressão muito usada nos dias anteriores a Pearl Harbor.*

De fato, além de constituir uma agressão ao mercado doméstico, o protecionismo é comprovadamente uma ameaça à paz e à liberdade.

Talvez tenha razão o professor de Stanford. O que os Estados Unidos precisam é seguir o exemplo da União Soviética e fazer também uma boa revolução capitalista.

Íb Teixeira

DESEMPENHO ECONÔMICO E PERSPECTIVAS DO BRASIL

FGV/Banco Mundial

1.ª edição
1985 - Cr\$ 105,00



À venda nas
livrarias da FGV:

RIO
Livraria J. Carneiro
Felipe
Praia de Botafogo, 188

Livraria M.A. Teixeira de
Freitas
Av. Presidente
Wilson, 228/A
SÃO PAULO
Livraria Prefeito Faria
Lima

Av. Nove de Julho,
2029
BRASÍLIA
Livraria Fundação
Getúlio Vargas
CLS 104, Bloco A, Loja
37

ou pelo Serviço
de Reembolso Postal